

**CAMILA A. P. DE FIGUEIREDO; CECÍLIA NAZARÉ DE LIMA;
MÁRCIA MARIA VALLE ARBEX; MIRIAM DE PAIVA VIEIRA
(ORGS.). *Escrita, som, imagem: Leituras ampliadas, volume 2.*
Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2020, 216 pp.**

ERIKA VIVIANE COSTA VIEIRA*
erika.vieira@ufvjm.edu.br

Com a proposta de apresentar uma “leitura ampliada dos fenômenos midiáticos que caracterizam as produções contemporâneas” (2021, p. 7), a obra *Escrita, som, imagem: Leituras ampliadas, vol. 2*, apresenta doze ensaios resultantes de pesquisas docentes que foram apresentados na ocasião do II Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem, realizado na Faculdade de Letras da UFMG, em 2019. As leituras se autodenominam “ampliadas” porque remetem a um primeiro colóquio realizado no ano de 2017, mas que, agora, mostram-se mais abrangentes em sua visão das manifestações artísticas interdisciplinares.

Poucas publicações críticas se dedicam a dimensões interartísticas de forma tão cuidadosa e singular. A transversalidade é a principal característica das discussões veiculadas no volume que apresenta textos sobre música, narrativas gráficas, audiolivros, escrita jornalística, realidade aumentada, tipografia, instalação artística, retratos, dança, ilustração, fotografia e desenho. Tais assuntos dividem o volume em duas partes, cada uma contendo seis textos: enquanto interpretações e representações com implicações literárias, inclusivas e midiáticas compõem a primeira parte, a

segunda parte é reservada para releituras e registros iconográficos em suas dimensões políticas, éticas e urbanas.

Essa miríade de expressões artísticas é examinada sob o refinado rigor teórico dos estudos relacionados à intermidialidade, particularmente de base semiótica. Destaca-se sobretudo a singularidade estética dos objetos sob escrutínio que fogem ao senso comum e das práticas já consagradas, há muito já apreciadas pelas pesquisas em intermidialidade. As reflexões apresentadas buscam valorizar a peculiaridade de cada dimensão artística sem limitar a noção de mídia à perspectiva de um único autor ou a apenas uma área de conhecimento. Por ser um volume que trata das dimensões da escrita, do som e da imagem, o percurso crítico dessa leitura se propõe a passear por essas categorias propostas pelas próprias autoras, uma vez que categorizar os artigos por outros critérios seria pouco razoável.

Iniciando a leitura da obra pela temática da mídia sonora, o artigo “Entre ficções e ironias: Hector Berlioz e o músico artista” revisita as obras literárias do compositor Hector Berlioz. Surpreendentemente, revela-se a faceta literária do compositor, renovando nosso olhar frente à sua produção musical. Sua

* Professora Adjunta, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, Curso de Letras, Diamantina, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3082-8805>

escrita “usurpa o espaço ocupado pela beleza da música” (p. 29), tornando evidente a interseção entre escrita e som que perpassa a obra do compositor, uma vez que ele se desdobra em diferentes papéis, que vão de narrador a crítico musical, além de compositor, em seus escritos.

Outro artigo que se destaca pela relação do som com a escrita e a imagem é o artigo em língua francesa de Bellarmin Etienne Iloki, centrado nas “formas breves” [formes brèves]. Na perspectiva apresentada, a intermedialidade se torna um lugar de integração de diversos discursos midiáticos que se realiza nesse lugar relacional diverso do som, da imagem e do texto jornalístico. Essa diversidade se concentra na relação entre as mídias de comunicação de massa, como o rádio, o telefone e a televisão, e suas respectivas formas breves televisivas, auditivas, e de escrita, presentes em *Le Bloc-notes* do escritor e jornalista francês François Mauriac. Iloki, assim, explora a convergência dos discursos breves como uma forma experimental de poética “jornalística” em que as noções de gênero extrapolam e invadem limites, refletindo a imprecisão da opacidade formal da escrita jornalística de Mauriac.

Uma perspectiva contemporânea une os ritmos contemporâneos do *rap*, *hip hop*, *street dance*, presentes na dança *krump*, que, somados a um trecho de ópera barroca bastante conhecida de Jean-Philippe Rameau, *Les Indes Galantes*, se transformam em um vídeo de curta metragem realizado pelo artista e cineasta francês Clément Cogitore. Essa inusitada combinação provoca um choque cultural entre arte de rua e arte erudita, entre o estilo urbano e barroco, entre uma expressão corporal rude e o refinamento da interpretação operística. O autor do ensaio, Rémi Astruc, explica que o *krump* é uma dança urbana que emergiu no início dos anos 2000 nas comunidades negras de Los Angeles, como alternativa à violência e à repressão policial, sendo sua

expressividade muito parecida com uma batalha, com seus corpos que se desafiam em aparente confrontação. A atmosfera de oposição e combate na videoarte de Cogitore transparece na crítica pós-colonial, que é precisamente captada pela análise de Astruc.

Ainda pairando na dimensão do som, o artigo de Sylvia Maria Guerra Anastácio partilha uma experiência de transposição para audiolivro de *Convivendo com as diferenças* (2017) de Martha Galvão, uma história que aborda a temática inclusiva dirigida-se às crianças com microcefalia. Primeiro, o ensaio centra-se na análise semiótica da relação imagem e texto na obra de Galvão. Em seguida, discorre sobre a experiência de gravar o audiolivro que, segundo a ensaísta, foi um processo que constou de várias etapas e muitos percalços. Como a autora mostra, a produção de um audiolivro não se dá instantaneamente e envolve vários processos, entre eles: sinopse, personagens, roteiro, gravação, efeitos sonoros e edição. Em outras palavras, como todo processo de transposição, é preciso estar atento às adequações à mídia de chegada, como as marcações radiofônicas, muito bem levantadas pela pesquisadora. Para além das características multimodais, esse relato de prática transpositiva se abre às questões relacionadas à inclusão e à luta contra o preconceito de leitores portadores de microcefalia, contribuindo enormemente para os estudos da intermedialidade que por ora se mostra útil e facilitador de acesso aos produtos culturais.

Certamente que o poder hipnótico das imagens faz a maioria dos textos refletirem o grande número de pesquisas que se dedica às relações interartísticas entre a palavra e o pictural. O texto “A intermedialidade nas narrativas gráficas: um olhar sobre *Habibi*” de Chantal Herskovic, por exemplo, se dedica à análise da combinação intermidiática presente na narrativa gráfica de Craig Thompson, *Habibi*. Para tanto, ela traça

um breve histórico dos conceitos de intermedialidade, atendo-se à classificação de Irina Rajewsky (2012), que se torna o fundamento de sua abordagem.

A iconografia do rosto na obra do artista húngaro contemporâneo Péter Forgács integra o estudo de Biagio D'Angelo intitulado “Tempos e rostos: a utopia iconográfica de Péter Forgács”. Centrando-se na instalação *Col Tempo*, sua análise versa sobre uma experiência do olhar para o outro, esse ser no tempo, que se perde em um labirinto teatral do artista. O trabalho de Fabrício Vaz Nunes, por sua vez, empenha-se em estabelecer relações iconográficas da imagem de Satã do *Paraíso Perdido* de John Milton, a partir da gravura *Melancholia I* de Albrecht Dürer (1514), com as imagens de Gustave Doré publicadas em 1866. A pesquisa de Nunes aponta para relações intermediárias bastante intrigantes entre o texto de Milton, a interpretação imagética de Dürer e as ilustrações de Doré realizadas no período Romântico. Essa triangulação entre texto e imagens contribui para revelar a evolução da representação da personagem bíblica em sua oscilação entre a representação do melancólico e do diabólico.

A fotografia ganha destaque em dois estudos: o primeiro, de Juliana Estanislau de Ataíde Mantovani, discorre sobre a recorrência da imagem fotográfica de lugares públicos na obra literária *Nadja* de André Breton. Nesse ensaio, a deambulação por Paris se constrói como um percurso intermedial fotoliterário que remete à *flânerie* de Baudelaire. Com um olhar semelhante para a cena urbana, o artigo de Tânia de Castro Araújo denominado “Aparições”, relata sua experiência de registro fotográfico de caixas de correio durante seu trajeto diário até a Escola de Belas Artes da UFMG entre 1995 e 2005. Seu interesse peculiar por *Mail Art* deixa transparecer a sensibilidade perspicaz do olhar da pesquisadora que elabora uma poética visual a partir desse objeto, que é chamado

por ela de “receptáculo de uma escrita viajante, com as aventuras do extravio, do tempo, dos endereços inexistentes – dos afetos, conflitos enviados e guardados.” (p. 205). A temática da cidade também presente no movimento Urban Sketchers concede frescor ao desenho de observação e ao esboço na análise de Ana Elisa Ribeiro e Alexandre Lage Alvarenga Júnior em “Notas engajadas sobre práticas contemporâneas de desenho urbano e produção editorial”. Como se verifica, o olhar para a cena urbana se mantém bastante contumaz nos estudos sobre imagem desta publicação.

Finalmente, na dimensão da escrita, destaca-se o ensaio “Au(g)mentando textos” de Carla Viana Coscarelli e de Roberto González Ibañez, cuja ludicidade de seu título alude à tecnologia da realidade aumentada presente no termo em inglês, *augmented reality*. Segundo os autores, na realidade aumentada o leitor se transforma em usuário e passa a ter uma experiência imersiva mais plausível dentro de ambientes virtuais, de forma a complementar a realidade, ao invés de substituí-la completamente. A proposta dos pesquisadores é bastante otimista e busca, na convergência midiática, vislumbrar projetos educacionais que contemplem narrativas transmídia, especialmente quando discorre sobre as potencialidades do uso da realidade aumentada na educação e no trabalho com textos. Entre as vantagens do uso da realidade aumentada na educação estariam a elevação da motivação dos usuários e uma melhoria na interatividade e colaboração entre os estudantes, que os levariam a um envolvimento maior com o aprendizado.

Enquanto o texto de Coscarelli e González Ibañez nos mostra o quanto a dimensão escrita será influenciada pela tecnologia no futuro, o ensaio de Alex Martoni chama atenção para a forma da escrita, a tipografia, essa forma ancestral de composição material dos tipos, das letras. Em “O que vemos quando lemos?”

Tipografia como categoria de análise literária”, a dimensão imagética da letra passa a ser categoria de análise. Em seu estudo, processos de manipulação tipográfica inquietam o autor na medida em que influenciam os modos de experimentar a leitura do texto. As reflexões empreendidas por Martoni problematizam projetos editoriais de publicações recentes da literatura brasileira contemporânea que passam a colocar em diálogo o aspecto verbal e pictural da letra. Tal análise clama por uma sensibilidade intermedial, visto que a escrita passa a depender de critérios imagéticos para a organização gráfica de um texto, reconfigurando, assim, os sentidos

Diante dos estudos interdisciplinares apresentados em *Escrita, Som, Imagem: Leituras ampliadas v.2*, constata-se a relevância de publicações críticas dessa natureza. O conceito de leitura se amplia na atualização do nosso olhar para as práticas interartísticas abordadas. Os estudos críticos que compõem esse volume mostram-se diversificados e abertos a posicionamentos teóricos igualmente heterogêneos. A qualidade quase que inclassificável das temáticas citadas passa a ser, assim, seu maior êxito, pois revela o quanto a intermedialidade pode ser variada e servir como lugar acolhedor de visões tão díspares de mídias e textos.